

PRAIA DOS OSSOS

um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 3 - Ângela

Branca Vianna: No episódio passado de *Praia dos Ossos*, a gente se debruçou sobre o julgamento do Doca Street pelo assassinato da Ângela Diniz. E um dos argumentos da defesa do Doca era levar a vítima – a Ângela – a julgamento.

O Evandro Lins e Silva, advogado do Doca, chamou a Ângela de prostituta de alto luxo, Vênus lasciva, e pantera que arranhava com suas garras os corações dos homens. Acontece que essa fama de mulher livre – e por isso perigosa – foi sendo construída nos últimos anos da vida da Ângela, quando ela se mudou de vez pro Rio de Janeiro.

Mas, muito antes disso, ainda em Minas Gerais, a Ângela teve muitas famas diferentes. Ela foi “a moça da missa das dez”, ela foi a “grega que parou o baile de carnaval” e ela foi a “noiva do ano”. E um dos objetivos dessa série é tentar recuperar a história dessa mulher que foi assassinada com quatro tiros, num caso que ficou famoso pelo nome do assassino. Então hoje a gente vai pra Belo Horizonte.

Eu sou a Branca Vianna, e esse é o *Praia dos Ossos*.

Episódio 3. Ângela.

Eu fui para Minas em 2019 com a pesquisadora deste programa, a Flora Thomson-DeVeaux. Uma das nossas paradas mais importantes em BH pra recuperar a história da Ângela era a redação do jornal *Estado de Minas*.

Anna Marina Siqueira: Diabo de degrau, excomungado! Boa tarde!

Flora Thomson-DeVeaux: Boa tarde!

Branca Vianna: Boa tarde!

Anna Marina Siqueira: Que que vocês estão aprontando, hein?

Flora Thomson-DeVeaux: Várias coisas...

Isabela Teixeira da Costa: Primeira coisa! Só pra você saber.

Anna Marina Siqueira: Hum?

Isabela Teixeira da Costa: Elas já estão gravando tudo! Tudo que a gente tá falando aqui tá sendo gravado! Então cuidado, viu?

Branca Vianna: A gente marcou uma conversa com duas jornalistas veteranas do *Estado de Minas*: Anna Marina Siqueira e Isabela Teixeira da Costa. A Isabela bate ponto no jornal há quase quarenta anos. A Anna Marina, há mais de sessenta.

Anna Marina Siqueira: Eu conheci ela desde que ela nasceu. Porque Belo Horizonte era uma cidade pequena, a gente conhecia todo mundo, a mãe dela...

Branca Vianna: Ângela nasceu em 1944, a primeira filha de uma dona de casa e um dentista.

Anna Marina Siqueira: *Ela ia à missa das dez, na igreja de Lourdes, todos os domingos, levada pelas mãos da babá. Já nessa época chamava a atenção.*

Branca Vianna: Eu pedi pra Anna Marina ler uma crônica que ela escreveu logo depois da morte da Ângela. Num momento em que todo mundo só falava na “Pantera de Minas”, ela decidiu recuperar “a moça da missa das dez”.

Anna Marina Siqueira: *Era uma boneca loura, mimada, belamente vestida, toda engomada, em seus organdis pacientemente bordados pela mãe. Nesse clima ela cresceu – a menina mais bonita da cidade, a debutante mais bonita.*

Branca Vianna: A maior parte dos registros no arquivo do *Estado de Minas* sobre a Ângela Diniz seguem nessa linha. A gente encontrou uma crônica sobre ela escrita pelo Roberto Drummond, aquele que escreveu o livro *Hilda Furacão*, que virou série da Globo.

Aqui um trecho: "A Ângela foi muito mimada, e foi filha única e neta única bastante tempo. Aos 8 anos não sabia amarrar os sapatos. A mãe dela, a sra. Maria do Espírito Santo Diniz – ou uma babá – é que cuidava disso e de tudo da menina que todos olhavam e diziam: 'Vai ser uma mulher muito bonita, quando crescer.'"

Esse texto fazia parte de uma série chamada “Mulher, Receita Mineira”, que o Roberto Drummond escreveu pro jornal. Ganhou até um Prêmio Esso. Mais um trequinho aqui:

"A sra. Maria Diniz fez dela, desde cedo, uma elegante. Tão elegante que, numa época, a futura sra. Angela Villas Boas inventou uma canção e a cantava sempre, assim: 'Eu vou casar com o rei/ eu vou casar com o rei...'"

Ângela Villas Boas. Aqui o Roberto Drummond deu um spoiler sobre o futuro marido da Ângela. Mas, antes de trocar de sobrenome, ela teve uma juventude bem animada, marcada por rituais de iniciação típicos dos anos '50, como, por exemplo, o “footing”.

Jacqueline Pitanguy: Footing é uma coisa que acontecia antigamente...

Branca Vianna: Essa é a Jacqueline Pitanguy, que era amiga de infância da Ângela.

Jacqueline Pitanguy: Você ia pra praça, de tarde ou de noite – eu ia pra Praça da Liberdade, em Belo Horizonte –, e as meninas andavam no centro da praça, assim, em volta do canteiro, numa direção, e os meninos [risos] andavam, davam a volta no outro canteiro, assim, na outra direção. E um olhava pro outro, mas era só olhar. Nada mais acontecia.

Branca Vianna: Jacqueline e Ângela aprenderam juntas a andar... em volta do canteiro. Mas ela lembra bem do desafio que era cumprir o ritual do “footing” ao lado da Ângela.

Jacqueline Pitanguy: E os hormônios, aí... Borbulhando [risos]. Mas eu me lembro que fazer footing com a Ângela era complicado, porque ela era tão bonita, tão bonita, né.

Branca Vianna: As opções de diversão para a juventude belorizontina eram bastante limitadas. Quando elas não tavam dando volta na praça, o programa era ir à missa.

Jacqueline Pitanguy: Ir à missa na Igreja de Lourdes era, assim, um “must” da sociedade mineira [risos]. Então eu também ia à missa na Igreja de Lourdes, eu também tinha vestido rodado, todas tínhamos. Mas nunca ninguém tinha um vestido mais engomado, mais rodado do que a Angela, né [risos].

Branca Vianna: A igreja era um “point” onde as moças da cidade iam para rezar e pra aparecer. E lá a Ângela também se destacava. Dizem que ela nunca repetiu o vestido na missa de domingo. Daí a lenda da “moça da missa das dez”.

Jacqueline Pitanguy: O maior poder dela tava na sedução, na capacidade de sedução. Mas ela foi um pouco educada pra isso, né.

Branca Vianna: E aqui a gente vê que o ensino da sedução podia acontecer nas instituições mais insuspeitas. Os primeiros passos da educação da Ângela foram no Santa Marcelina, um dos colégios de freira mais frequentados pela elite de Minas.

A gente conversou por telefone com uma colega da Ângela no Santa Marcelina, a Valéria Penna. Depois a gente sentou com ela no estúdio, então você vai ouvir a voz dela com registros diferentes.

Valéria Penna: O colégio de freiras não era esse horror que as pessoas pintam, que as pessoas dizem, que você vê em filme, sei lá, *Madre Joana dos Anjos*, umas coisas assim. Não tinha nenhuma freira torturando ninguém.

Branca Vianna: Elas estudaram no Santa Marcelina na mesma época – mas com uma pequena diferença. A Valéria era aluna “externa”, que só ficava no colégio durante o dia. E a Ângela era “interna”, dormia lá durante toda a semana.

Valéria Penna: Por que que a mãe internou, eu não sei. Provavelmente porque a Ângela era levada. Nós não tínhamos nenhum contato entre as externas e as internas, exceto na capela, onde nós íamos encontrar as internas. E ficava todo mundo como se estivesse rezando, com as mãos estendidas, e aí a interna passava um bilhete pra externa. A Ângela chegava e passava um bilhete pra mim, pra eu poder passar pra algum namorado dela, que eu não me lembro quem fosse. Era assim, era assim...

Celina Albano: Então, havia muito tráfico de papelzinho, entendeu, recadinho para namorado, e tudo, através das externas.

Branca Vianna: Essa é a Celina Albano, também colega de Santa Marcelina da Valéria e da Ângela. Ela ainda mora em BH, então eu aproveitei pra encontrar com ela na viagem.

Celina Albano: Então, por exemplo, a Valéria ia para a igreja, lá para a capela, a Ângela: “Ó, vou mandar um recado lá para não sei o quê”, ia para capela rezar. “Ó, Valéria, tá aqui o recado”. Então a capela era um point.

Branca Vianna: Um point para troca de mensagens.

Branca Vianna: A Celina ajudou a gente a entender um pouco melhor o perfil das moças que estudavam no colégio, e o que elas aprendiam por lá – além de tráfico de papelzinho.

Celina Albano: O Santa Marcelina era aquela coisa elitizada, chique, elegante. Nós tínhamos uma aula na mesa, de como servir à mesa. Ah, tinha... tinha aula de elegância, etiqueta, e tal.

Branca Vianna: Então vocês faziam, vocês faziam as duas coisas. Quer dizer, vocês tinham uma educação clássica boa, que aprende a matemática, história, português, latim, grego... E uma educação de dona de casa chique. Saber bordar, arrumar a mesa...

Celina Albano: De dona de casa chique.

Branca Vianna: Então o Santa Marcelina formava donas de casa exemplares. Mas para chegar lá, as moças tinham que conseguir encantar os homens certos. E, pra isso, a Ângela tinha uma “coach” muito dedicada.

Celina Albano: Então, o que eu quero lembrar, que é muito importante, que eu acho que é fundamental para entender um pouco a Ângela, é o seguinte: de segunda, de segunda não, terça-feira até sábado, a Ângela era fantástica, adorava todo mundo. Agora, domingo, quando a mãe dela chegava, eu acho que a mãe dela punha na cabeça dela assim: “Ô, Ângela, as pessoas em Belo Horizonte sentem a sua falta, você é vista como a mais bonita”. Enchia a cabeça dela, a Ângela ficava impossível.

Branca Vianna: Como assim?

Celina Albano: “Não, porque mamãe falou que Fulano falou que sente saudades minhas. Porque...”

Branca Vianna: Ela ficava metida.

Celina Albano: Ela ficava metida. Era sempre no domingo. Aí nós falávamos: “Ah, a mãe já encheu a cabeça dela.” Entendeu?

Branca Vianna: A mãe da Ângela apareceu em todos os relatos como a figura mais determinante na vida mineira da filha. Aqueles vestidos que a Ângela usava na missa de domingo eram costurados por ela.

A Maria Diniz já tinha um histórico nas colunas sociais. Volta e meia, ela aparecia na lista das “dez mais elegantes de Minas”. A gente achou uma coluna sobre um aniversário da Ângela em que a Maria presidiu “um jantar americano com maionese, strogonoff e tortas, servidos em baixelas antiquíssimas e regados a ‘whisky’”.

Locutor: *Estado de Minas*, 13 de novembro de 1962, coluna de Eduardo Couri. *O charme da sra. Maria do Espírito Santo Diniz, mãe de Ângela, cativou tanto os presentes que a reunião só foi terminar mesmo às cinco da manhã. Nunca vimos uma outra senhora manter tanta alegria entre os seus convidados.*

Branca Vianna: Era essa energia da mãe da Ângela que empurrava os adolescentes pra pista. Nas palavras do colunista, Eduardo Couri, “por imposição da dona Maria do Espírito Santo, dançaram o ‘twist’”. Mas a Celina contou pra gente como essa animadora de pistas também podia ser uma mãe super controladora.

Celina Albano: A Maria, isso eu sei pela minha mãe, quando tinha as festinhas lá em casa, ela telefonava para minha mãe: “Glorita, quem é que você convidou? Que pessoas que vão?”. Ela tinha esse controle.

Branca Vianna: Para deixar a Ângela ir ou não e...

Celina Albano: Saber o que a Ângela estava fazendo. Ela tinha esse controle, sim. Eu acredito que muitas mães não tinham isso. Eu acho que o controle da Maria, assim, era mais excessivo do que o das outras. Tinha umas que nem deixavam a filha sair. Podia ser... Por ignorância, burrice, tal. Mas o dela era por uma questão de foco.

Anna Marina Siqueira: A mãe dela era muito minha amiga, amiga da família toda. Então quando ela nasceu eu conheci. E fui acompanhando a vida dela ao longo de todo o trajeto, né?

Branca Vianna: Essa é, de novo, a Anna Marina, a colunista veterana do *Estado de Minas*. Além de jornalista, a Anna Marina foi sócia da Maria Diniz numa boutique na cidade. Todo mundo diz que essa boutique era a mais chique de Belo Horizonte.

Anna Marina Siqueira: A mãe era apaixonada por ela, né? A mãe tinha uma atração, assim – nunca vi tanta! –, pela filha. Engraçado, né? A filha era a deusa da vida dela. Era tudo. Tudo, tudo, na vida. E a Maria idolatrava a filha. Eu acho que muito do que Ângela passou na vida foi por causa dessa idolatria da mãe. Entendeu?

Branca Vianna: Como assim?

Anna Marina Siqueira: Porque a mãe achava que tudo dela era perfeito, tudo era bem feito, tudo que ela fazia era único. Muito difícil crescer num clima desse. Uma menina cheia de vontades, cheia de... de... coisas únicas. E a mãe fazia todos os desejos. Então, ela cresceu assim.

Branca Vianna: Mas tem uma coisa. Escutando essas histórias, não é simples separar o que a Ângela queria do que a mãe dela queria.

Valéria Penna: Também me lembro do seguinte: eu ia pra uma festa com a Ângela e a minha mãe me pôs uma medalha super bonita. E eu chegando, a Maria olhou pra aquilo e falou assim: “Não, quem vai com esse broche é Ângela”.

Flora Thomson-DeVeaux: Como assim [risos]?

Valéria Penna: Porque a Ângela era a pessoa da vida... a Ângela era uma produção... era uma produção das duas. Era uma produção. Eu ia a uma festa, eu tava indo pra uma festa lá na Pampulha. A Ângela ia pra uma demonstração, pra uma exibição. Era uma coisa entre as duas...

Branca Vianna: A Celina tinha a mesma impressão que a Valéria. A Ângela e a Maria Diniz agiam em dupla, e a realização da filha era uma vitória da mãe.

Celina Albano: Que a mãe, apesar de começar a já formatar, eu acho que eu posso falar essa palavra pra Maria, formatar a vida da Ângela. Ela disse: “Olha, minha filha, você vai por esse caminho, entendeu?”.

Branca Vianna: E o caminho que as mães naquela época projetavam pras filhas tinha um destino certo.

Celina Albano: Caminho de um bom casamento, segurança, boas condições econômicas... Tudo a Maria queria para a Ângela nesse sentido, usar a beleza dela para fazer um bom casamento e ela ficar tranquila.

Branca Vianna: Foi esse caminho que a Ângela começou a trilhar quando ela pisou num baile juvenil de Carnaval, em 1958.

José Maurício: Quando chegou Maria, levando uma criança, uma menina linda, linda, de grega, curta, azul claro, cabelos loiros, soltos, foi assim uma... todos ficaram deslumbrados com ela, com a presença de Ângela.

Branca Vianna: Esse é o José Maurício, outro colunista social de Minas, falando ao Globo Repórter em '77. No programa sobre o assassinato da Ângela, ele contou como foi a primeira aparição pública dela numa grande festa. A Ângela fez jus a toda a dedicação da mãe, e brilhou com o seu vestidinho de grega.

Homens adultos embasbacados com meninas de 13 anos era parte do rito social. Eu conversei com a Norma Tamm, que também foi uma dessas meninas. Ela foi amiga e uma espécie de

competidora da Ângela pelos olhares dos rapazes. A Norma foi eleita a embaixatriz do turismo de BH em 1958. Esse era um cargo honorário que ninguém conseguiu explicar pra gente. Nem a Norma.

Branca Vianna: Você foi embaixatriz do turismo, não foi?

Norma Tamm: Fui, embaixatriz do turismo.

Branca Vianna: E a Ângela também. O que é que fazia a embaixatriz do turismo?

Norma Tamm: Nada, eu não fiz nada. Era pra sei lá o quê, não tinha que aparecer, eu não fiz nada, nem sei pra que eu fui aquilo, sabe, achei ótimo, ganhei o prêmio, mas não fiz nada, não. Ganhei uma faixa [risos].

Branca Vianna: E ela acabou passando a faixa pra Ângela.

Norma Tamm: E depois eu vi a Ângela a primeira vez que eu a vi foi num... num carnaval no Automóvel Clube. Usava as moças passarem assim em círculo, né, dançando e cantando as músicas de carnaval, e eu tava parada, assim, conversando com uma amiga, e quando a Ângela passou, ela falou: "essa daí é a Ângela Diniz, que faz muito sucesso". Ela estava vestida de grega. Uma grega azul clara, curtinha, com os cabelos assim pra cima, bem do estilo de grega. Ela podia tranquilamente ter feito um filme da Helena de Troia, que ela ia se sair muito bem.

Branca Vianna: É irônico que a referência de heroína grega que a Norma usou era a Helena de Troia, a "mais bela mulher do mundo", que desde os 12 anos arrastou pretendentes heróis de toda a Grécia, a ponto de ser sequestrada por mais de um deles. Parece até que a Ângela, inconscientemente, tava reproduzindo essa história. E essas aparições eram uma maneira de chamar a atenção do seu futuro Menelau.

Norma Tamm: As mães almejavam pras filhas o quê? Um príncipe, as que tinham mais, é... um olhar mais alto né, elas queriam príncipe, um bom marido, e outras um rapaz promissor. Que tivesse futuro pra quê? Pra sustentar a sua mulher, os seus filhos, cuidar da sua família, já que elas não tinham a sua profissão e o seu sustento. Então era uma coisa natural.

Branca Vianna: Por isso, a vida social, nesse contexto, era muito mais importante do que a escola. Vendo a profusão de notinhas de jornal registrando a presença da Ângela nos bailes e recepções, é difícil imaginar que ela tivesse tempo ou energia pra sala de aula.

Norma Tamm: Então a gente até brincava assim umas com as outras: "Você tá fazendo algum cursinho?", respondia: "Sim, ah, tô", "Qual?", "Espera marido". [risos] Entendeu? Espera marido.

Branca Vianna: Então, a Ângela abandonou os estudos, sem completar o que seria hoje o ensino médio, pra não perder de foco a missão principal. E, de todos os bailes e festas, tinha um que se destacava como rito primordial da moças da sociedade. Valéria Penna não escapou dessa.

Valéria Penna: Aos 15 anos, teve festa de debutante e a Ângela reapareceu repaginada. A mãe dela tinha um bom gosto extremado, e quando a Ângela apareceu na festa de debutante, a Ângela era outra pessoa.

Branca Vianna: Os bailes de debutante eram o evento mais aguardado pelas meninas da society mineira, e pelas famílias delas. E não era pra menos: eram superproduções.

Pro baile de 1960, foram encomendadas 3 mil tulipas direto da Holanda para enfeitar as mesas do salão do Museu da Pampulha. Eram cinquenta debutantes das mais destacadas famílias mineiras, e elas ensaiaram o ritual durante semanas.

Locutor: *Estado de Minas, 3 de maio de 1960.*

A repercussão do acontecimento foi superior ao que se supunha. Do lado de fora, o povo, aglomerado, buscava, através dos vidros, um ângulo do desfile e batia palmas quando as meninas desciam dos automóveis e se dirigiam para o local. [...] Alguns casos na porta – poucos, por sinal – de rapazes querendo entrar sem "smoking". O que não foi permitido.

Branca Vianna: À meia-noite, as meninas desceram a rampa, cumprimentaram a primeira-dama do estado, e ocuparam o grande salão. E quando chegou a vez da Ângela de descer a rampa com o vestido branco dela, ela conseguiu roubar a cena mais uma vez.

Valéria Penna: Foi um vestido feito à mão, pela mãe etc., e a Ângela apareceu – foi no mesmo ano que eu debutei – e a Ângela era, apareceu uma coisa esplendorosa, linda. A Ângela virou a Ângela ali, no dia da festa de debutante dela.

Branca Vianna: As meninas dançaram a primeira valsa com seus pares, e a segunda, com seus pais.

Locutor: *Era meia centena de vestidos brancos e meia centena de smokings girando na pista.*

Valéria Penna: Ela apareceu... mas ela tinha 15 anos, né? A partir daí, a Ângela começou a namorar homens sistematicamente mais velhos, sistematicamente ricos. A partir dessa festa de 15 anos, ela não apenas foi repaginada, quanto a Maria começou, de certa maneira, a dirigir a vida da Ângela. A Maria era apaixonada pela Ângela, mas ao mesmo tempo era uma pessoa ambiciosa, e a Ângela era uma espécie de um asset que ela tinha. Isso não quer dizer que ela não gostasse da Ângela, é comum que mães façam isso, só que o caso dali era meio evidente. Quer dizer, tinha um certo acordo ali entre as duas, no qual a Ângela ia ser aquele esplendor, queria brilhar.

Locutor: *Estado de Minas, 12 de maio de 1960.*

No dia em que a srta. Ângela Diniz fez o seu début, o seu namorado Milton Villas Boas presenteou-a com uma linda pulseira de brilhantes e um rádio de pilha.

Branca Vianna: O début da Ângela foi completo. Ela saiu do baile admirada e presenteada pelo namorado. Um detalhe que eu não tinha contado é que a Ângela já tinha um candidato a marido quando chegou na festa de quinze anos.

Locutor: *Apesar de estar bastante rico, Milton Vilas Boas é o rapaz do "society" que mais "dá duro". Imaginem que, diariamente, o seu horário de trabalho é de sete da manhã às nove da noite. Além disso, consegue fazer uma vida social mais ou menos intensa.*

Branca Vianna: O "rapaz" Milton Villas Boas, nessa altura, já tinha mais de 30 anos. E o namoro de rapazes de mais de 30 anos com adolescentes não era nada fora do comum. A vida social intensa servia justamente para isso.

Valéria Penna: Eu namorei com um cara de 30 anos, eu tinha 17. Não é legal. Isso não é legal.

Branca Vianna: Aqui é, de novo, a Valéria Penna, a amiga da Ângela que levava os bilhetinhos pra fora do Colégio Santa Marcelina.

Valéria Penna: Agora eu não sei quantos anos o Milton era mais velho do que a Angela, e não sei... é... o tanto que um tava apaixonado pelo outro. Mas ele era o que se chamava um bom partido, o cara era independente, era engenheiro, tudo que a mãe queria. Lembra que eu falei isso, né, a mãe queria advogado, engenheiro e tal, médico, tarara... Ninguém queria violinista pra casar com a filha.

Branca Vianna: O Milton era um construtor consolidado, filho de um ministro do Supremo. A encarnação do bom partido. Mas logo apareceu um concorrente. Não era um violinista, mas tinha atributos tão encantadores quanto.

Quase ao mesmo tempo em que recebia joias e atenções do Milton, a Ângela começou a se interessar por um sujeito chamado Parker Gilbert.

Valéria Penna: Era a coisa mais linda que você possa imaginar esse homem. Ele tá vivo?

Branca Vianna: Tá vivo, sim. Mas não quis gravar entrevista pro *Praia dos Ossos*. A gente também não conseguiu encontrar fotos do Parker daquela época, mas aparentemente ele era um consenso entre as garotas. Essa é a Norma Tamm:

Norma Tamm: Dançava divinamente o twist, o cha-cha-cha, ele era um bom dançarino de twist e cha-cha-cha. Parker Gilbert Cavalcante de Albuquerque.

Branca Vianna: Na verdade, o nome completo dele é Parker Gilbert Cavalcanti de Carvalho. Mas o Albuquerque até que orna bem. A Norma se lembra de uma viagem para o Rio de Janeiro em que ela e a Ângela presenciaram os talentos do Parker na pista.

Norma Tamm: Eu sei que, quando a Ângela voltou dessa dança, ela me mostrou debaixo da mesa assim a mãozinha escondida com um papel. Eu falei “ih, lá vem, lá vem coisa”.

Branca Vianna: E veio. Pouco tempo depois, as colunas sociais registraram a reviravolta.

Locutor: *Estado de Minas, 16 de março de 1962. Coluna de Eduardo Couri. De acordo como havíamos previsto, ficaram oficialmente noivos terça-feira Ângela Diniz e Parker Gilbert. Houve uma recepção muito íntima na residência dos pais de Ângela, que são o sr. e sra. Newton Viana Diniz, à qual compareceram exclusivamente os parentes mais próximos. O casamento deverá acontecer em setembro. Desde já, podemos prever que será um dos maiores acontecimentos sociais deste ano.*

Branca Vianna: Tudo parecia caminhar muito rápido. Mas caminhou tão rápido que em três meses, descarrilhou.

Locutor: *Estado de Minas, 15 de junho de 1962. Coluna de Eduardo Couri. Hoje começaremos com uma notícia que, de certo modo, irá surpreender muita gente. A glamorosa Ângela Diniz e o boa-pinta carioca Parker Gilbert vêm de terminar o noivado, que foi o mais comentado destes últimos tempos em sociedade. Foi uma pena, porque eles formavam um dos pares mais simpáticos. O desfecho se deu anteontem, por telefonema interurbano.*

Branca Vianna: As amigas da Ângela não têm dúvidas de que o fim do noivado foi obra da Maria Diniz.

Valéria Penna: É, e eu acho que ela pôs um fim nessa história com boas razões. Era uma coisa, a Ângela era muito menina.

Branca Vianna: A Valéria acha que o noivado acabou porque a Ângela era muito nova. Mas a Norma Tamm levantou outro possível fator pro rompimento.

Norma Tamm: Não sei o que houve. Por que eles terminaram. Sei que ele também não tinha dinheiro, não sei se podia enfrentar um casamento nessa época.

Branca Vianna: No duelo entre o pé de valsa boa-pinta e o construtor bom partido, venceu o Milton.

Locutor: *Estado de Minas, 1 de novembro de 1962. Coluna de Eduardo Couri. Consta que estão mesmo reiniciando namoro a "glamourosa" Ângela Diniz e o bom partido Milton Villas Boas.*

Branca Vianna: O fato de o Milton Villas Boas ser uns quinze anos mais velho do que a Ângela e ter conhecido ela na porta do colégio não causava estranhamento.

Celina Albano: Eu acho, a minha hipótese, era a forma segura de garantir um futuro para filha.

Branca Vianna: A espera da Ângela para cumprir o seu destino tinha chegado ao fim bem rápido. Ela tinha acabado de completar 18 anos, e já ia se preparando para outro ritual. A colunista Anna Marina tava acompanhando de perto.

Branca Vianna: Mas a mãe queria que ela casasse?

Anna Marina Siqueira: A mãe queria que ela casasse... Porque o Milton era uma pessoa legal, bonito, de família boa, com uma carreira boa, algum dinheiro.

Branca Vianna: Como não poderia deixar de ser, a própria Anna Marina cobriu o evento. Tem uma nota dela no *Diário da Tarde* que diz assim:

"A grande expectativa dos últimos dias de janeiro vem sendo ainda o casamento de Ângela Diniz com Milton Vilas Boas. Várias costureiras estão mobilizadas para dar conta do enxoval da noiva. E a gente fica pensando naquela menina de pernas compridas, que, de grega, enfeitou há poucos anos, a vespéral dançante carnavalesca do Automóvel. E que hoje é assunto de toda a cidade, no casamento do ano."

O casamento foi marcado às pressas. No dia, a fina flor de Belo Horizonte compareceu à principal igreja metodista – seguindo a religião do noivo – pra uma cerimônia que acumulava superlativos.

Locutor: *Diário de Minas*, 29 de janeiro de 1963, coluna de Eduardo Couri.
Depois de amanhã, às 19 horas na Igreja Metodista Central, à rua Tupis, terá lugar o casamento mais focalizado de todos os tempos: o de Ângela Diniz com Milton Villas Boas. Toda a nossa sociedade se reunirá nesta cerimônia, o que provocará um elegantíssimo encontro.

Branca Vianna: Segundo os jornais do dia seguinte, a festa superou as expectativas, e já ganhava o título de casamento do ano de 1963. Detalhe: ainda era janeiro.

Locutor: *Estado de Minas*, 1 de fevereiro de 1963.
Ex-embaixatriz do turismo, ex-"glamour-girl" e principalmente a rainha do jovem "society" belorizontino, Ângela ingressa no rol das donas de casa, e não perderá, certamente, aquele charme que fez dela a moça mais comentada e admirada da cidade.

Branca Vianna: Mas a maior dúvida era como um talento lapidado para a sedução ia responder à estabilidade morna da vida doméstica. O primeiro filho, o Miltinho, nasceu sete

meses depois do casamento. Segundo a Anna Marina, prematuro. Alguns meses depois, o casal passou as férias de verão no Rio. A Maria Diniz foi com eles. E a Valéria Penna também.

Valéria Penna: Eu não entendia como que a Ângela tinha casado com aquele homem que parecia pai dela, mas me lembro dessas férias – porque nessas férias era uma coisa que nós convivíamos de manhã, de tarde e de noite – dos dois deitados no sofá da sala com muito carinho e ele parecia muito encantado com ela. As vezes que eu o vi com a Ângela, era uma relação harmoniosa.

Branca Vianna: Mas, pra Valéria, a harmonia dessa vida em família não era o que tava fazendo a cabeça da Ângela. O que realmente marcou essas férias foi uma ida ao cinema.

Valéria Penna: Nós fomos naquela ocasião assistir o *Dr. No*, que é o primeiro James Bond.

Branca Vianna: O *Satânico Dr. No* foi o filme que lançou a série do agente 007. O Sean Connery fez o primeiro James Bond, e a Ursula Andress, a primeira Bond Girl.

Valéria Penna: Bom, a primeira cena, você olhando pro *Dr. No* você vai lembrar um pouco da Ângela, porque a Ângela parecia um pouco com a Ursula Andress nesse filme. A primeira cena em que ela aparece, é uma ilha meio deserta onde está o Dr. No e o James Bond vai pra lá etc.

Ursula Andress: *Underneath the mango tree.*
La-la la-la dee...

Valéria Penna: E aparece a Ursula Andress e ela sai do mar. De repente ela sai de dentro do mar com um biquíni, um biquíni da época, eu to também me lembrando vagamente.

Ursula Andress: *Underneath the mango tree...*

Branca Vianna: A Ursula Andress sai da água segurando umas conchas enormes e cantarolando.

Ursula Andress: *La-la-la dee-da-da...*

Branca Vianna: Atrás de uma árvore tá o James Bond, maravilhado com a paisagem.

Sean Connery: *Underneath the mango tree, my honey and me...*

Ursula Andress: *Who is that?*

Sean Connery: *It's all right. I'm not supposed to be here, either. I take it you're not. Are you alone?*

Ursula Andress: *What are you doing here?*

Valéria Penna: Ela era loira, a Ângela nessa ocasião tava loira, e ela lembra a Ângela fisicamente. E eu me lembro da Ângela falando, a gente ia muito à praia, né. Era verão, ia à praia em Copacabana.

Ursula Andress: *What's your name?*

Sean Connery: *James.*

Valéria Penna: E a Ângela apaixonada, ela queria ser igualzinha a Ursula Andress, eu me lembro da Ângela dizendo “eu quero ficar laranja!”, porque ela tava muito queimada de sol, a Ursula. Ela era um mergulhadora, meio hippie mergulhadora.

Branca Vianna: Revendo essa cena, dá para imaginar a distância entre o que a Ângela queria ser e a vida que ela tava levando. O casamento, a vida de dona de casa, e o sofá da sala tavam muito distantes da vida de sereia alaranjada que Ângela almejava. Até porque o Milton não era exatamente um cara do tipo Sean Connery.

Valéria Penna: Ele não marca a minha lembrança, nem marca como uma pessoa anódina no final... No cenário, parte de um cenário. Amável, mais velho... Eu me lembro que a minha mãe gostava muito dele, porque ele devia ter conversas pra minha mãe. Um cara *boring*. Me lembro que ele era uma pessoa... sem graça.

Branca Vianna: Quando a gente marcou a viagem pra BH, a gente pediu pros arquivistas do Estado de Minas separarem todo o material sobre a Ângela pra gente ver.

Eduardo Lacerda: Estão entrando no túnel do tempo.

Branca Vianna: Olha que legal.

Branca Vianna: A Isabela Teixeira da Costa, jornalista do *Estado de Minas*, acompanhou a gente nesse passeio por uma imensidão de fotos.

Eduardo Lacerda: O que eu consegui levantar... essa aqui é a Ângela Diniz, agora você que deve saber se essa é a Maria Diniz.

Isabela Teixeira da Costa: É não mas a Maria... Essa aqui que é a mãe dela, gente.

Branca Vianna: E algumas dessas fotos deixavam clara a passagem de Ângela Diniz para Ângela Villas Boas.

Isabela Teixeira da Costa: Aqui, '61, solteira ainda...

Flora Thomson-DeVeaux: Gente, que foto – deixa eu ver. Embaixatriz do turismo de 1960, senhorita Ângela Diniz quando comemorava seu aniversário.

Isabela Teixeira da Costa: E aqui, '60, com a Norma Tamm...

Flora Thomson-DeVeaux: Olha só. Embaixatriz do turismo de 1960, mas a foto foi tirada...

Isabela Teixeira da Costa: ...em '61.

Branca Vianna: A primeira foto mostrava a Ângela desfilando com um vestidinho de gala, luvas brancas e uma faixa no peito. A moça que aos 16 anos arrebatava BH. Aí, a Isabela puxou algumas fotos de três anos depois.

Isabela Teixeira da Costa: Aqui, ai, gente. Com Miltinho e com a Gata. Ah, mas não pode, porque em dezembro de '64 ela já tinha tido filho desse tamanho, dois.

Branca Vianna: Em sete anos de casada, a Ângela teve três filhos: o Miltinho, a Cristiana – que tem até hoje o apelido de “Gata”, como Isabela disse –, e o Luiz Felipe.

Isabela Teixeira da Costa: Nossa, aqui ela virou uma senhora, né, casou virou senhora! Olha o penteado, olha tudo! Não tá bom, não, gente.

Branca Vianna: Muda tudo, você vê ela de embaixatriz aqui um pouco antes...

Isabela Teixeira da Costa: Virou senhora, olha aqui! Que horror...

Branca Vianna: Esse é o Milton?

Isabela Teixeira da Costa: É.

Branca Vianna: Essa Ângela senhora, mãe de três filhos aos 24 anos, me fez lembrar o perfil dela escrito pelo Roberto Drummond – o tal da Hilda Furacão. Essa crônica foi publicada em 1969, e o que poderia ser uma matéria sobre a feliz esposa modelo de Minas Gerais trazia uma nuvem melancólica já no título: “Ângela Villas Boas: uma canção batendo na pedra”.

No texto, o Roberto Drummond explica que o título era referência a uma música que tocou na vitrola da Ângela enquanto ele fazia a entrevista. Era *Acho que é você*, numa gravação da Elizeth Cardoso.

Elizeth Cardoso: *Esse mar se batendo nas pedras*
Sou eu te chamando

Branca Vianna: Nas palavras do Roberto Drummond, “ao contrário de tudo que foi previsto, está chovendo dentro dos olhos da mulher de roublard marrom e ar de Brigitte Bardot”. O cronista também registrou um desabafo que “escapou” da Ângela de repente. Ela teria dito: “Às vezes eu acordo de manhã, olho o céu e fico com vontade de dar uma morrida.” Aí ele diz que a Ângela tentou se recompor, tentou sorrir. Disse que não era nada e mudou de assunto.

É um perfil estranho, desconfortável até mesmo pra quem não estava acostumado à outra imagem da Ângela, construída nas colunas sociais. Noutra declaração “escapulida” pro repórter, a Ângela diz: “Já fui muito narciso. Alguns anos atrás gostava de parecer com a Brigitte Bardot. Então mandei fazer este furo no queixo. Mas se fosse hoje não mandaria mais. Tenho mudado muito...”

O texto segue assim: “E fui sabendo que a sra. Ângela Villas Boas é uma mulher muito sensível. Ela me diz que, de noite, apaga a luz da sala, deita no tapete, e escuta uma mesma música dez vezes seguidas. [...] Quando vai ao cinema com o marido, o construtor Milton Vilas

Boas, costuma chorar. E, aí, a sra. Ângela Villas Boas disse que não estava num dia bom para dar entrevista. As tardes assim com nuvens, como a de hoje, deixam-na triste.

'Eu vario muito conforme o tempo, ela vai contando. Se eu acordo e vejo sol, o azul, eu sei que vou passar um dia muito feliz...' [...] Foi nessa hora, cinco para as 5 da tarde, que uma nuvem entrou nos olhos da sra. Ângela Villas Boas e, por alguns segundos, choveu lá dentro."

Logo em seguida, o Roberto Drummond conta que começou a tocar uma música na voz da Bethânia.

Maria Bethânia: *Adeus
Vou pra não voltar
E onde quer que eu vá
Sei que vou sozinha
Tão sozinha amor
Nem é bom pensar
Que eu não volto mais
Desse meu caminho*

Branca Vianna: E essa trilha estimulou mais uma confissão de Ângela: "Sabe de uma coisa? Essa é uma das músicas de que eu mais gosto. Eu me sinto toda dentro dessa música. Acho que eu sou uma mulher muito fora de época. Sou muito sensível. Olha, eu acho lindas aquelas histórias antigas, com os poetas morrendo de tuberculose por amor. Eu devia ter nascido há muitos anos..."

A ideia de morrer por amor era um horizonte distante pra quem parecia correr o risco de morrer de tédio.

Eu não vou abrir aqui a discussão sobre os exageros literários da crônica – mas mesmo enxugando muito essa tinta, dá pra ver que a Ângela não parecia feliz com a vida que ela tava levando. Diante disso, de acordo com o código social da época, a Ângela tinha algumas opções diante dela.

Eu procurei a historiadora Mary Del Priore, que tem uma linha de pesquisa sobre relacionamentos conjugais no Brasil.

Mary Del Priore: Olha, vou te dar alguns dados, assim... O adultério, ele era consensual – é muito interessante, eu trabalhei muito com isso para os anos '50 e '60 – nas elites o adultério era permitido e consensual do momento que não fosse explícito, fosse... Eu até digo isso no *História do Amor no Brasil*, aquele meu livro, né? Para preservar os bens do casal e o nome da família, o adultério é silenciado do momento que a mulher o faça discretamente, em geral com o melhor amigo do marido, e vice-versa, o marido com a melhor amiga da mulher. Isso era um pacto nas elites bra... Nas elites, né? Essa tradição de tolerar o adultério feminino.

Branca Vianna: O adultério discreto e consensual era uma solução pra evitar o pior: a separação. Era muito malvista de todos os lados, mas como negócio era muito pior pras mulheres.

Mary Del Priore: Em geral preservavam-se os casamentos, todo mundo de bom humor, não havia partilha de bens. O divórcio vai, ele vai afetar diretamente as mulheres, porque há partilha de bens e ela imediatamente perde. E a pecha de divorciada também, que lançava a mulher no território da chamada “mulher desfrutável”, né?

Branca Vianna: Mas pelo jeito a Ângela não demorou muito tempo pensando as opções. Eu perguntei pra Anna Marina como foi a separação.

Anna Marina Siqueira: Largou ele, assim, como se larga um copo em cima da mesa. Sem o menor problema, sem a menor amolação, sem a menor... trauma. Nada. Cabeça... não ligou. Ela não tinha drama nenhum a respeito disso.

Branca Vianna: Você sabe por que ela separou dele?

Anna Marina Siqueira: Por que ela começou a se interessar por outros homens, né? E resolveu cair no mundo. E ele não quis aguentar, né?

Branca Vianna: Algumas colunas sociais trataram a separação como uma “bomba” que caiu na sociedade mineira. Mas a Anna Marina disse que não foi nenhuma surpresa.

Anna Marina Siqueira: Resta saber qual foi o débil mental que escreveu a reportagem falando que era “uma bomba”. Bomba nada. Do mesmo jeito que ela adorava roupa nova, ela adorava homem novo. Não é bom?

Branca Vianna: Podia ser bom, mas não era assim tão fácil. Naquela época, não tinha divórcio, só desquite, em que não dava pra casar de novo. E o processo era bem mais demorado. No desquite da Ângela e do Milton Villas Boas, ela ficou com vários imóveis e ia conseguir viver do aluguel deles. Mas o combinado é que os três filhos do casal ficariam entre a casa do pai e a casa dos avós maternos.

Celina Albano: E eu acho que a Maria compreendeu que não tinha controle sobre a Ângela, entendeu? A partir do Milton, a Ângela voou por asas próprias. Eu acho que a Maria foi até o casamento do Milton. Depois ela não tinha mais esse controle.

Branca Vianna: Na mesma época em que a Ângela tava se desquitando do Milton, uma outra história ocupou os jornais e as conversas em Belo Horizonte.

A Jô Souza Lima, outra figura importante da sociedade mineira, decidiu se separar também, e assumir publicamente um novo namoro. E aí, uma coincidência macabra uniu Ângela e Jô. Lembra que no julgamento, o advogado do Doca, o Evandro Lins e Silva, falou que a Ângela fez um testamento muito jovem?

No dia 9 de julho de 1971, aos 26 anos, a Ângela, já desquitada, assinou o testamento dela. A gente não sabe por quê. Mas o Evandro deu a entender que era porque ela tava flertando com a morte. Na mesma noite, a Jô foi assassinada pelo ex-marido com dois tiros.

Anna Marina Siqueira: Aquela morreu de burrice...

Branca Vianna: Como assim?

Anna Marina Siqueira: Burrice total.

Branca Vianna: A Anna Marina disse que a Jô morreu de burrice porque ela, Anna Marina, tinha avisado que não ia dar certo esse negócio de namorar e conviver com o ex.

Anna Marina Siqueira: Ele matou ela, cansou de ser chifrudo. Eu falei: “Ele vai acabar acabando com você.” “Não, ele tá muito bom, ele mudou muito.” Eu falei, “Não muda, Jô. Tem jeito de homem mineiro mudar?” Não mudou.

Branca Vianna: Roberto Lobato foi a júri popular duas vezes seguidas, em '72 e '73. Ele alegava que a Jô estava humilhando a família, e ele fez o que fez para defender a honra dele e dos filhos. Nos dois julgamentos, ele foi absolvido.

Anna Marina Siqueira: Hoje em dia ele paga os pecados dele ajudando as freiras do asilo da Serra da Piedade. Ele dá pras freiras muita coisa. Ajuda demais da conta.

Branca Vianna: Depois da segunda absolvição do Lobato, a Ângela foi procurada pela revista *Veja*.

Locutor: *Veja*, 18 de abril de 1973.

Atraída pelo acontecimento, a sucessora de Jô nas capas de revistas, a bela Ângela Diniz, ex-Villas Boas, limitou-se a comentar: abre aspas, “A Tradicional Família Mineira deixou para os jovens apenas uma indisfarçada hipocrisia”, fecha aspas.

Branca Vianna: Ângela, “a sucessora de Jô”. Sabendo o que ia acontecer depois, é muito mórbido ler essa nota.

Mas ainda tinha muita água pra rolar. O Milton não era o Lobato, e naquela altura, a Ângela bancava publicamente os homens novos que ela passou a namorar. E é claro que isso provocou um tremendo mal-estar nos círculos que ela frequentava.

Celina Albano: Porque tem aquela célebre... E aquela história é verdadeira, do Juscelino falando com ela para deixar de dar em cima do genro.

Branca Vianna: Essa é, de novo, a Celina Albano, amiga da Ângela do Colégio Santa Marcelina. E a “história célebre” a que ela tá se referindo aconteceu num baile que marcou época no começo dos anos '70 em Minas.

Era uma festa em homenagem a um milionário boliviano chamado Antenor Patiño, conhecido

como “o rei do estanho”. Esse senhor passeava pelo mundo pulando de festa em festa, e acumulando fotos ao lado de beldades. E, chegando no baile em homenagem a ele próprio, naturalmente foi a Ângela Diniz quem roubou a atenção dele.

Desse encontro ficou uma foto emblemática do Antenor Patiño – baixote, com um sorriso e os braços enlaçando a cintura da Ângela, que tá deslumbrante.

Celina Albano: Ela tinha o corpo lindo, o rosto muito expressivo. Não era aquela beleza de bibelô. Era uma coisa forte. Aquele olhar assim... Eu lembro dela muito risonha, e tal. E ela foi, criou um certo constrangimento, porque o Antenor Patiño ficou encantado com ela, aquela coisa. Era um casal ridículo, ele era baixinho...

Branca Vianna: A gente acabou de ver uma foto dela dançando com o Antenor Patiño.

Celina Albano: Não é horrível, a foto? Ela desse tamanho...

Branca Vianna: E o pequeno Patiño não era o único no enalço da Ângela naquela festa. Naquela época, ela supostamente tava tendo um caso com o Bê Barbará, um industrial mineiro importante – que também vinha a ser o marido da Márcia Kubitschek. Isso mesmo, a filha do Juscelino.

E o ex-presidente tava lá, nesse mesmo baile em que a Ângela disparava o seu melhor sorriso pros fotógrafos ao lado de um milionário boliviano 20 cm menor que ela. Então, assim que o rei do estanho largou a cintura da Ângela, o JK convidou ela pra uma dança. E essa dança virou uma espécie de lenda em BH.

Celina Albano: O Juscelino veio e tirou ela para dançar. E o Juscelino foi muito amigo dela. E que o Juscelino pegou ela de lado, assim, de lado, dançando, foi dançar, chamou ela para dançar e falou com ela: “Olha, esqueça o meu genro. Deixa a minha filha viver em paz.”

Branca Vianna: Essa história dá uma noção do transtorno que a Ângela – agora livre das amarras do casamento – causava na alta classe mineira.

Celina Albano: Eu acho que ela... ela, sabe, Branca, eu acho que ela foi chegando a um ponto assim que ela já não tinha muito, assim, cuidado com a reputação dela, sabe?

Branca Vianna: A Valéria Penna tinha a mesma impressão que a Celina.

Branca Vianna: Você lembra de como era a reputação dela em Belo Horizonte depois que ela separou do Milton?

Valéria Penna: Péssima. As pessoas tinham inveja da Angela. A Ângela... a Ângela era... [risos] A Ângela era até engraçada. Primeiro ela não dava bola pro que as pessoas pensavam.

Branca Vianna: Ela fazia o que queria e...

Valéria Penna: Fazia o que queria. Porque ela não tinha a ideia de medo.

Branca Vianna: Alguns anos depois da separação, a Ângela deu uma entrevista em que ela se mostrava ciente da ruptura que ela tinha causado na expectativa da tradicional família mineira. Ela disse o seguinte: “Meu ex-marido queria que eu vivesse como a Carolina do Chico: casta, pura, trancada em casa, vendo a vida passar. Ele, sim, não me perdoa, não admite que eu possa ser feliz com alguém, num típico problema de mineiro tradicionalista.”

A Ângela tava passando por outra metamorfose. Ela que já tinha sido o broto do ano, ganhou uma nova alcunha nas colunas sociais. Um apelido que ia marcar a vida dela para sempre. A Ângela passou a ser referida como “pantera”.

Valéria Penna: Então tem muito mito em cima das coisas dela, tá. Eu acho que as pessoas tavam vendo os filmes da Brigitte Bardot e colocando isso na Ângela, não sei. Eu acho que tem uma: a Ângela virou a “Pantera de Minas”, eu acho que também tem um momento que você começava a virar a “Pantera de Minas”, você começa a representar o papel que colocaram nela. Também ela não tinha muito alternativa.

Branca Vianna: Mesmo consciente desse papel, naquela noite do baile do “rei do estanho”, ela resolveu atender o pedido do Juscelino. E, nessa mesma noite, ela se aproximou de outro homem casado de boa família da sociedade mineira. Era o Tuca Mendes, herdeiro da empreiteira Mendes Jr.

A Ângela cresceu naquela sociedade, e tinha total noção do que significava ser abertamente amante de um homem casado, de família conhecida. Mas ela não parecia se importar muito com os olhares inclementes da sociedade mineira. Celina Albano.

Celina Albano: A Ângela já estava sendo, ela também não era totalmente aplaudida, as pessoas não tinham coragem de enfrentar, mas falavam por trás.

Branca Vianna: Não tinham coragem de enfrentar...

Celina Albano: Porque ela era desbocada, ela falava tudo, sabe? Era uma pessoa muito destemida, muito corajosa. A Ângela não era de abaixar a cabeça, entendeu, a Ângela fala: “eu sou assim, você e tatatá.” Ela enfrentava mesmo, ela encarava, ela não escondia nada.

Branca Vianna: A Anna Marina vê valor nessa postura destemida da Ângela, em contraste com o modelo hipócrita que era a regra naquela época.

Anna Marina Siqueira: Porque eu acho que uma pessoa que leva a vida pública, sem esconder nada, sem fazer... Ela pode fazer várias coisas que o povo acha que não é certo, mas ela não tem que dar satisfação pra ninguém, então não tem escândalo porque está tudo público! Tem nada para esconder. Ela nunca teve nada para esconder!

Branca Vianna: E foi assim no encontro com o Tuca.

Anna Marina Siqueira: Tuca Mendes foi doido com ela. Tuca era casado, muito casado. Mulher, filho, tudo... mas andava com ela, pra baixo e pra cima.

Ela saía daqui, ia com Tuca Mendes para Ouro Preto, pra Diamantina, para Tiradentes, pra tudo, com sol claro! Mas ela era assim, sabe como é? Ela não tinha... Não ligava... Se dava, se não dava, se queria, se não queria... Tava nem aí.

Branca Vianna: E tinha outras mulheres parecidas com ela, ou ela era realmente tão diferente assim?

Anna Marina Siqueira: Aqui nunca teve ninguém igual a ela. Engraçado, né? Ela teve amigas que tentaram ser igual a ela mas não conseguiram. Porque ela era diferente.

Branca Vianna: Mas essa diferença em relação ao que se esperava das mulheres não demorou pra começar a cobrar um preço alto. E o encontro com Tuca Mendes fazia parte desse enredo.

Celina Albano: Mas teve um caso, que foi com Tuca Mendes, que eu não esqueço.

Branca Vianna: A Celina Albano contou que o pai dela era muito amigo da Ângela.

Celina Albano: Eu tava chegando de São Paulo, eu tinha um namorado em São Paulo, então eu ia a São Paulo de vez em quando encontrar com ele, e tal. Eu estava voltando de uma dessas viagens a São Paulo, quando eu vi um carro lindo, aquela Mercedes, uma coisa assim. E papai debruçado no carro conversando. E eu parando de táxi atrás. De repente eu saí e papai virou: “Ó, ela chegou.” E tava ela e o Tuca. Aí nós entramos para casa. Quando nós entramos e veio papai, “Papai, papai, papai. Esse cara... Esse casal é uma bomba relógio.” “Não, Celina, que que é isso, que bobagem, não sei o quê.” Ô, Branca, uma semana depois teve o caso... Do caseiro. Eu lembro que papai chegou lá em casa falando: “Que boca é essa? Eu não estou entendendo, o que é que você falou?” “Papai, mas estava óbvio que ia acontecer alguma coisa.” A Ângela atraía. Entendeu? Confusão.

Branca Vianna: Esse relacionamento com potencial bombástico ia confirmar a sina da Ângela. E, pela primeira vez, ela ia ocupar outra seção dos jornais. Em junho de 1973, as páginas policiais de Minas não falaram de outra coisa além de Ângela Diniz e o caso do caseiro.

No próximo episódio de *Praia dos Ossos*, eu te conto sobre esse e os dois outros crimes que entraram pra biografia da Ângela antes de ela conhecer o Doca Street.

Praia dos Ossos é uma produção da Rádio Novelo. Pra não perder nenhum capítulo, assina nosso feed no seu tocador de podcasts. E se você quiser ver aquelas fotos que a gente garimpou no acervo do *Estado de Minas*, da Ângela adolescente, corre lá no nosso site: radionovelo.com.br/praiadosossos.

A gente tem também uma newsletter do Praia dos Ossos. Nas nossas redes a gente explica como se inscrever.

Eu sou a Branca Vianna, idealizadora e apresentadora desse podcast.

Flora Thomson-DeVeaux ensinou todo mundo daqui da equipe a dançar o chá-chá-chá. A montagem é da Laís Lifschitz. A direção criativa é da Paula Scarpin, que assina o roteiro com a Flora, e com o Aurélio Aragão e o Rafael Spínola, da Segundo Andar. A coordenação digital é da Kellen Moraes.

Nosso diretor executivo é o Guilherme Alpendre. A produção é da Claudia Nogarotto. A captação pra esse episódio é do Daniel Zema. Gravamos com o Estúdio Natrilha em Belo Horizonte, e o Estúdio Rastro no Rio.

Pesquisa audiovisual de Antonio Venancio. Áudio de arquivo da TV Globo. A locução das reportagens de arquivo foi do Ingo Ostrovsky.

A música *Acho que é você* foi cantada por Elizeth Cardoso, composta por Paulo Valdez e Hermínio Bello de Carvalho, na gravação de 1966. A música *Pra dizer adeus* foi composta por Edu Lobo e Torquato Neto, e gravada pela Maria Bethânia em 1969. A música *James Bond Theme* é de Monty Norman, com arranjo de John Barry, tocada pela John Barry Orchestra, na gravação de 1962.

A identidade sonora do *Praia dos Ossos* foi composta pelo Pedro Leal David. Usamos música adicional da Blue Dot. A finalização e mixagem são obra do João Jabace.

Nossa identidade visual é da Elisa Pessoa, nossos vídeos são da Marina Quintanilha, e o nosso site é da Café.

A Isabela Moreira é a editora das nossas redes sociais, que têm peças produzidas também pelo Mateus Coutinho. A Ana Beatriz Ribeiro e a Juliana Jaeger completam o time digital. Luciele Almeida faz a gestão de campanha de mídia.

A checagem foi do Érico Melo e da Luiza Miguez.

Para esse episódio, agradecemos a ajuda de Carlos Marcelo Carvalho, Fred Bottrel, Anna Marina Siqueira, Isabela Teixeira da Costa, Irene Campos, Eduardo Lacerda, Valéria Penna, Celina Albano, Norma Tamm, Mary del Priore, Jacqueline Pitanguy, e a equipe da Biblioteca Estadual Luiz de Bessa.

Obrigada e até a semana que vem.